

PARA ALÉM DA NAÇÃO? OUTRAS ‘DECLINAÇÕES’ NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

JESSICA FALCONI

CEsA-Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento
Universidade de Lisboa

RESUMO: O artigo traça a evolução da perspetiva nacional nos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa desde a década de 1980 até ao presente. Com base numa seleção de publicações coletivas e individuais, bem como assinalando eventos académicos marcantes para a área, o artigo procura identificar linhas de continuidade e momentos de rutura na abordagem destas literaturas baseada na ideia de Nação enquanto categoria crítica e unidade de análise, desde a consolidação do laço entre literatura e independência nacional, afirmado após a descolonização, até à receção das teorias pós-coloniais ocorridas em meados da década de 1990. Debruçando-se também sobre as articulações teóricas e disciplinares entre Literatura Africanas, Estudos Pós-coloniais, Estudos do Oceano Índico e Literaturas Comparadas, o artigo proporciona um possível mapeamento dos enfoques mais recentes que procuram construir novas cartografias críticas para os estudos destas literaturas.

PALAVRAS CHAVE: Literaturas africanas de língua portuguesa; Nação; Teoria pós-colonial; Literaturas Comparadas.

BEYOND NATION? OTHER “DECLINATIONS” IN AFRICAN LITERATURES

ABSTRACT: The article traces the evolution of the national perspective in the studies of Lusophone African Literatures from the 1980s to the present. Based on a selection of collective and individual publications, as well as highlighting important academic events for the area, the article seeks to identify lines of continuity and moments of rupture in the approach of these literatures based on the idea of Nation as a critical category and unity of analysis, from the consolidation of the link between literature and national independence affirmed after decolonization until the reception of post-colonial theories which occurred in the mid-1990s. Also, the article looks at the theoretical and disciplinary articulations between African Literature, Postcolonial Studies, Indian Ocean Studies and Comparative Literatures, to provide a possible mapping of the most recent approaches that seek to build new critical cartographies for the studies of these literatures.

KEYWORDS: Lusophone African literature; nation; postcolonial theory; comparative literatures.

Nas últimas duas décadas, as literaturas africanas de língua portuguesa, enquanto campo de indagação crítica e objeto de estudo acadêmico,¹ têm vindo a conhecer uma grande expansão, com inúmeras dissertações, monografias, atas de conferências, números especiais de revistas e artigos produzidos em diversos países. Questões nucleares, tais como a construção dos cânones nacionais e internacionais destas literaturas; a identificação dos circuitos da sua circulação e receção, bem como, e sobretudo, a adequação e formulação de paradigmas e recursos teórico-críticos para a sua abordagem têm marcado todo o ciclo de existência desta área de estudos, continuando a constituir elementos de preocupação e reflexão para sucessivas gerações de investigadores. Entre estas questões, o tópico da Nação e os seus correlatos — literatura nacional, nacionalidade literária, sistema literário nacional, etc. — têm ocupado um lugar de destaque. Assim, a palavra «decliNações», contida no título do número monográfico da revista *Abriu* que se apresenta, dá conta deste lugar de destaque, ao passo que encerra, voluntariamente, alguma ambiguidade quanto ao(s) objeto(s) e à(s) perspetiva(s) concretamente convocadas nesta reflexão e nos artigos aqui reunidos. Procurarei esclarecer esta ambiguidade, assumindo, contudo, os múltiplos sentidos

¹ Cabe logo esclarecer que me refiro a uma área de investigação que não coincide necessariamente com a institucionalização curricular *strictu sensu* nas universidades onde estas literaturas são objeto de estudo. Um enfoque estritamente curricular e nacional — isto é, uma vinculação rígida do campo da crítica académica a planos de estudos e polos universitários deixaria de fora práticas de investigação marcadas pela transnacionalidade que, sobretudo na atualidade, vão adquirindo cada vez mais relevância. A formação e atual afiliação institucional das autoras dos artigos reunidos neste dossiê é um exemplo flagrante das dinâmicas transnacionais de mobilidade académica. Por outro lado, cabe referir que a institucionalização curricular das literaturas africanas de língua portuguesa tem vindo a dar-se de forma extremamente diversa em Portugal, Moçambique (Leite 2003a), Angola (Kandjimbo 2015), no Brasil (Padilha 2010) e em outras universidades.

da palavra como fios condutores e elementos norteadores da revisão/reflexão crítica proposta, cujo objetivo último é fornecer um mapeamento, ainda que parcial e provisório, de «decliNações» relevantes desta área de estudos. Mireille Rosello utiliza a palavra «declinações» e o verbo declinar (em inglês — *declensions; to decline*) para discutir os estereótipos raciais, étnicos e nacionais em contextos culturais francófonos. Trata-se, como é evidente, de tópicos e objetivos bastante distintos dos que focarei neste artigo. No entanto, cabe reter as potencialidades semânticas que Rosello assinala, ao lembrar que as «declinações» podem ser consideradas «as an interesting combination of fixed roots and variable endings» (1998: 10). Ao transpormos estas considerações para o campo focado neste artigo, poderemos entender as «decliNações» das literaturas africanas de língua portuguesa como as múltiplas formas de se equacionar o papel da Nação enquanto categoria de análise resiliente, quase que uma raiz fixa que se associa a múltiplas terminações (*variable endings*).

Tendo em conta a amplitude e complexidade do tema, este artigo procura realçar linhas de força e pontos de rutura, apontando também para questões e tendências emergentes, representadas pelos artigos incluídos no presente número monográfico. O corpus observado para a identificação de tais linhas constou de uma seleção de publicações coletivas e individuais de caráter teórico-crítico e de pendor sistematizante produzidas entre as décadas de 1980 e a atualidade.

DECLINAÇÕES NACIONAIS

Em primeiro lugar, nas páginas que se seguem, abordarei a «decliNação» do paradigma nacional enquanto perspetiva fundadora da legitimação académica e da consolidação do campo crítico relacionado com a produção literária dos países africanos de língua portuguesa. De facto, na primeira fase da sua existência, esta área de estudos encontrou na categoria de Nação uma unidade de análise privilegiada, sendo as ideias de Nação e de identidade nacional, bem como os processos cul-

turais e políticos das independências nacionais, os horizontes, os temas e os compromissos mais explorados pelos estudos desta produção em língua portuguesa. Se considerarmos a década de 1980 como momento chave de legitimação e internacionalização da área e, logo, ponto de partida para uma perspetivação diacrônica das abordagens mais consolidadas, cabe logo assinalar que as «decliNações» da Nação enquanto categoria de análise, e o seu papel na estruturação do campo crítico, constituem um aspeto central que ainda atualmente é debatido, tendo atravessado aproximadamente 40 anos de reflexão teórico-crítica em torno destas literaturas.

Remonta a 1984, isto é, dez anos depois da Revolução dos Cravos do 25 de Abril e onze anos depois da primeira independência africana de Portugal — a da Guiné-Bissau, declarada em 1973 — aquela que pode ser considerada uma «decliNação» seminal da Nação enquanto tema e enfoque no domínio das literaturas africanas em língua portuguesa. Refiro-me ao Colóquio Internacional intitulado *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise. A la recherche de l'identité individuelle et nationale* (Abdala Jr 1985), que teve lugar na sede da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris e reuniu, sob organização de Manuel Ferreira e Jean Michel Massa, estudiosos, escritores, representantes de instituições e associações, e figuras diplomáticas de diferentes países. Para se perspetivar a importância do Colóquio, é de salientar também que, em meados da década de 1990, este era tido ainda como o maior evento dedicado às cinco literaturas dos países africanos de língua portuguesa (Laranjeira 1995: 116).

Como o título do Colóquio realçava, procurava-se refletir sobre, e de certo modo articular, dois aspetos centrais da construção identitária nas literaturas africanas, isto é, o nível individual e o coletivo, sendo este último explícita e exclusivamente identificado com a Nação, entendida como realidade político-cultural resultante das lutas de libertação nacionais travadas contra a dominação colonial portuguesa. A este propósito, a alocação de abertura de Manuel Ferreira, ao utilizar um conjunto de termos quais «ascensão», «luta», «recusa», «reivindicação», «intervenção», é especialmente significativa no que diz respeito à

vinculação das literaturas africanas, consideradas no seu conjunto, ao espírito da luta e da afirmação da autonomia próprio da dimensão política. É significativo que este espírito investia também o campo dos estudos críticos, numa articulação entre os planos nacional e internacional, já que no discurso do autor, as literaturas africanas de expressão portuguesa surgiam como protagonistas heroicas de um processo de afirmação, favorecido pelo engajamento de diversos agentes, no domínio académico e na esfera cultural internacionais.² Por outras palavras, na alocução de Ferreira, o domínio das literaturas africanas — tanto a produção literária em si, quanto a crítica que a abordava — encontrava-se investido de um espírito de luta e engajamento que espelhava, direta e indiretamente, os processos políticos das independências nacionais. Assim, a relação entre literatura e compromisso esteve no cerne de uma parte significativa das intervenções, igualmente marcadas por palavras chave, tais como resistência, revolução, autonomia, libertação, afirmação, etc. Em sintonia com este léxico *engagé*, também as opções, quanto a autores e obras a abordar, apontavam para um cânone literário fortemente marcado pelo compromisso político e ideológico com os projetos de denúncia da opressão colonial e de construção da Nação: de facto, destacam entre os autores mais abordados Luandino Vieira, Pepetela, Viriato da Cruz, José Craveirinha, Luís Bernardo Honwana, Amílcar Cabral, cuja obra foi analisada também em articulação com os conceitos de angolanidade, moçambicanidade, cabo-verdianidade, etc. Trata-se de conceitos não consensuais que, de facto, ao longo do tempo estiveram no cerne de várias polémicas em torno da definição das na-

² «Mas elas, as literaturas africanas de expressão portuguesa, furtando-se aos golpes vários e fortalecendo-se, dia a dia, ano a ano, na envolveria da clandestinidade ou de uma forte confidencialidade textual, lograram ultrapassar esse pretendido estrangulamento. E quando souu a hora da independência nacional dos países africanos de língua portuguesa, elas ocuparam, por direito próprio, o seu lugar de honra na festa nacional. E até hoje, apesar de tanta dificuldade de natureza vária, não mais deixaram de se impor dentro e fora das fronteiras nacionais» (Ferreira 1985: 31).

cionalidades literárias e, logo, dos cânones nacionais das literaturas africanas. Tomando o caso de Moçambique como exemplo, cabe lembrar que a década de 1980 foi marcada pela publicação, na imprensa literária e cultural, de diversos artigos que procuraram definir o conceito de moçambicanidade e associá-lo a autores e obras paradigmáticas de uma estética autenticamente moçambicana (Basto 2006; 2008). No entanto, a partir da década de 1990, as definições das nacionalidades literárias tornaram-se, de modo geral, mais inclusivas, de modo a «acomodar» instâncias e manifestações de identidades literárias diversificadas e alargar os cânones nacionais.

No Colóquio, a relação entre literatura e compromisso, bem como o conceito de Nação e de autonomia nacional, constituíram o quadro de referência de contribuições de pendor mais sistematizante, como a intervenção de Fernando Mourão, crítico brasileiro e antigo sócio da Casa dos Estudantes do Império, que abordou a questão da denominação das literaturas africanas a partir da noção de autonomia disciplinar (Mourão 1985: 121-131), ou a de Alfredo Margarido, centrada nas dificuldades de construção das histórias literárias africanas (Margarido 1985: 513-521). Como procurei demonstrar num trabalho anterior (Falconi 2013), a contribuição de Margarido, tal como outras reflexões da mesma década, nomeadamente, a de Manuel Ferreira (1989) e de Pires Laranjeira (1989), revelam a receção e a adequação ao caso das literaturas das ex-colónias portuguesas em África, do «panorama em três tempos» esboçado por Franz Fanon ([1961] 1968) para equacionar o surgimento e a evolução do fenómeno literário e dos conceitos de literatura e cultura nacionais nas sociedades colonizadas. Cabe lembrar, ainda que brevemente, que a periodização fanoniana articulava-se em três fases, a saber: 1. o chamado «período assimilacionista integral», em que a produção literária dos colonizados se funda na inspiração europeia e nas correntes da literatura metropolitana; 2. O «mergulho» na autenticidade nativa e a recuperação do património cultural pré-colonial com vista à legitimação da cultura nacional do presente e do futuro; 3. a assunção de uma cultura nacional e, logo, o surgimento da «literatura de combate, literatura revolucionária, literatura nacional» (Fanon [1961] 1968: 184-

185). A cultura nacional surgia, na análise de Fanon, como horizonte necessário para a historicização das culturas africanas e como espaço essencialmente performativo da des-racialização e da descolonização.³ De salientar que, em relação às literaturas africanas das ex-colónias portuguesas em África, já em 1975, a reflexão do intelectual e ativista angolano Mário Pinto de Andrade, surgida e desenvolvida no domínio extra-acadêmico desde a década de 1950, apresentava uma versão semelhante ao panorama desenhado por Fanon. Na periodização da evolução da chamada «moderna poesia africana» proposta por Andrade, estava ausente a fase tida como «assimilacionista» por Fanon, e passava-se a identificar uma primeira fase em que emergia a poesia inspirada pelo movimento da negritude; uma segunda fase de «alargamento e ultrapassagem da negritude», constituindo «o momento da particularização»,⁴ isto é, a assunção de «contornos nacionais», em que a negritude se revelava insuficiente para a expressão estético-ideológica dos diferentes contextos socioculturais em luta; e, finalmente, uma terceira fase, marcada pela aparição de uma poesia nacional e revolucionária, em que o fazer poético estava intimamente comprometido com as aspirações do povo e dos movimentos de libertação (Andrade 2011[1975]: 190-192).

O «panorama em três tempos» esboçado por Fanon, bem como a periodização formulada por Pinto de Andrade, tiveram larga influência na estruturação das propostas de periodização histórico-literária, elaboradas na década de 1980 e fundadas numa visão teleológica e «heroica»

³ «A cultura nacional é o conjunto dos esforços feitos por um povo no plano do pensamento para descrever, justificar e cantar a ação através da qual o povo se constituiu e se manteve» (Fanon [1961] 1968: 194).

⁴ A noção de «particularização» de Pinto de Andrade dialoga claramente com a ideia de «vontade particularizante» identificada por Fanon na literatura dos colonizados («volonté particularisante») e expressa no texto da conferência pronunciada ao Segundo Congresso dos Escritores e Artistas Negros que teve lugar em Roma em 1959, em que Andrade também esteve presente. O texto —«Fondement réciproque de la culture nationale et des luttes de libération» — foi publicado em 1959 na revista *Présence Africaine* (com a qual Andrade teve uma colaboração direta como secretário de redação) e incluído em *Os condenados da terra*.

do percurso de afirmação da cultura nacional em oposição àquela colonial. Esta influência exerceu-se também em abordagens posteriores de outros estudiosos das culturas dos países africanos de língua portuguesa, os quais, ao mesmo tempo, reconheciam a necessidade de produzir visões mais complexas e menos «lineares» da evolução literária, apesar de baseadas na categoria da Nação. É o caso, entre outros, do historiador Patrick Chabal, que se dedicou também ao enquadramento das literaturas africanas, «entendendo-as como literaturas profundamente ligada aos processos políticos» (Ribeiro e Rothwell 2020: 12). Chabal retomou o modelo fanoniano para enquadrar a literatura produzida em Moçambique, na introdução à coletânea de depoimentos de escritores por ele editada em 1994. Tal como fizeram outros estudiosos, Chabal introduziu os ajustes e as atualizações necessárias, e mais consentâneas ao caso das literaturas das cinco ex-colónias de Portugal em África, identificando quatro fases de evolução, a saber: a assimilação, mais claramente alusiva à primeira fase assinalada por Fanon, em que ainda não se configura nenhum tipo de «autonomia» ou «independência» face aos modelos culturais e literários metropolitanos; a fase da resistência, em que a literatura «andou de mão em mão com o nacionalismo e a luta pela independência» (Chabal 1994: 24); a fase da afirmação, em que, uma vez atingida a independência nacional, os escritores se preocuparam com consolidar o seu lugar na cultura nacional, e a última fase de consolidação, coincidindo com o presente da publicação, em que a dimensão especificamente nacional se dilui em preocupações e temáticas gerais.

A convocação destes exemplos leva a concluir que a receção e a apropriação do modelo de evolução literária traçado por Fanon configurou uma «decliNação» relevante, e até dominante, da categoria da Nação, bem como da relação entre literatura e compromisso, nos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa. O processo de emergência da cultura nacional analisado por Fanon traduziu-se no esforço crítico de «particularização» (Andrade 2011) e «singularização» (Rosário 2007) em perspetiva nacional de cada uma das cinco literaturas. Tal esforço constituiu o principal objetivo crítico, científico e disciplinar das

primeiras fases de legitimação e consolidação desta área de estudos, logo a seguir às independências nacionais. De facto, o intuito geral do colóquio de 1984 coadunou-se com este objetivo, já que, como explicitado na alocução introdutória de Manuel Ferreira e na orientação metodológica apresentada por Jean Michel Massa, a organização visou excluir abordagens de cariz comparatista, tanto no que se referia à comparação com as literaturas escritas de outros países — africanos e outros — quanto em relação a outras formas de expressão cultural, tal como, por exemplo, a literatura de expressão oral. Assim, o objetivo principal dos trabalhos era salientar a originalidade e a autonomia das escritas literárias dos «cinco», procurando um equilíbrio entre a discussão de questões comuns e o escrutínio das diferenças e especificidades de cada país e sua respetiva literatura escrita. Esta opção, refletida na divisão por país no volume de atas, pretendia contribuir para o processo de singularização — e dignificação — de cada literatura, realizando-se através de um recurso mais sistemático a ferramentas próprias dos estudos literários, no intuito também de equacionar de forma distinta o peso da dimensão político-ideológica. Trata-se de um processo que, de facto, marcou as décadas posteriores, norteando-se pela reflexão teórico-crítica sobre as especificidades históricas, políticas, sociais e culturais dos territórios em foco e sobre as dinâmicas de estruturação de sistemas literários nacionais, distintos e autônomos, não apenas em relação à ex-metrópole, como também entre eles. Inocência Mata alude à primeira fase deste processo falando de «uma quase obsessão de estudo interno, longe de uma abordagem comparatista que, quando existia, se restringia aos *corpora* das literaturas dos Cinco» (Mata 2013: 108). Cabe realçar, no entanto, que tal processo não deixava de estar vinculado e declinado também de acordo com as circunstâncias concretas da institucionalização da área, tal como acontecia em universidades portuguesas e brasileiras e num conjunto de outras universidades situadas fora dos países africanos em questão — nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, etc. Por outras palavras, o processo de «singularização» coadunava-se também com um imperativo de descolonização disciplinar e epistemológica em que a categoria de Nação — coincidindo com

a do Estado-nação recém-independente — funcionava como elemento de resistência aos paradigmas de homogeneização e assimilação subjacentes às epistemologias coloniais. Assim, tal como para Fanon e Pinto de Andrade, o compromisso com a Nação, o reconhecimento da «nacionalidade» singularizada, inclusive, o uso dos adjetivos de nacionalidade para designar as literaturas em questão, contribuíam de certo modo para configurar, no domínio crítico e científico, uma dimensão de descolonização acadêmica. Nesta perspetiva, o Congresso Internacional de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, significativamente intitulado *Cinco Povos — Cinco Nações*, realizado em 2003 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, marcou a consolidação deste percurso de singularização, ao passo que testemunhou a incipiente viragem em direção às «declinações» pós-coloniais que abordarei na próxima secção deste artigo.⁵

DECLINAÇÕES PÓS-COLONIAIS

A institucionalização e consolidação dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa aconteceu paralelamente a uma fase de debates teóricos intensos e mudanças paradigmáticas radicais nas Ciências Sociais e nas Humanidades, fortemente marcada e protagonizada pela progressiva afirmação e difusão, a nível internacional, da chamada teoria pós-colonial, entendida menos como um corpus teórico-crítico coeso ou marcado por uma origem única, do que «a complex network of paronymous concepts and heterogeneous practices that have been developed out of traditions of resistance to a global historical trajectory of imperialism and colonialism» (Young 2012: 20). Para além das reiteradas disputas terminológicas, as oposições e críticas a esta teoria surgi-

⁵ Ao Congresso foram apresentadas, aproximadamente, cento e trinta comunicações, conjugando-se perspetivas críticas mais consolidadas e abordagens emergentes. De facto, a «questão pós-colonial» foi abordada em diversas comunicações, conferências e intervenções em mesas redondas (Laranjeira et al. 2007).

ram logo nos começos dos anos 90, questionando o alcance histórico, geográfico e político das suas formulações (Shohat 1992; McClintock 1992); apontando para o viés excessivamente culturalista em detrimento do político e as cumplicidades do pós-colonialismo com as lógicas do capitalismo global (Ahmad 1992), o que levou a uma consciência generalizada dos seus limites e da necessidade de se salientarem diferenças e especificidades com vista à construção de «pós-colonialismos situados» (Santos 2001: 19). No entanto, apesar de inúmeros encontros falhados com outras tradições intelectuais,⁶ bem como reiteradas crises, a «relevância transversal» da teoria pós-colonial (Sousa Ribeiro 2012: 41) fez com que ela continuasse «a representar um aparato teórico indispensável para dar conta e interrogar dinâmicas de poder que pautam as relações culturais e políticas da contemporaneidade» (Brugioni 2017: 33).

No que se refere mais especificamente aos contextos de língua portuguesa, a receção das teorias pós-coloniais foi um processo não linear e tardio, «a succession of turning points» (Medeiros 2007: 1) que se deu (ou não) de forma distinta nos vários países,⁷ cabendo no propósito deste artigo mapear algumas articulações entre crítica pós-colonial e literaturas dos países africanos de língua portuguesa, já que na perspetivação

⁶ Miguel Mellino, entre outros, regista o encontro falhado entre a teoria pós-colonial e grande parte da crítica social latino-americana (2005: 14), tal como Stephanie Newell, no domínio da crítica literária, assinala a rejeição radical por parte dos críticos marxistas da África ocidental (2006: 178-181), para citarmos apenas alguns exemplos da circulação e receção destas teorias fora do continente europeu.

⁷ Tal como a própria teoria pós-colonial de matriz anglo-saxónica, também a sua receção no espaço de língua portuguesa tem múltiplas genealogias, em que foram matriciais os trabalhos de Miguel Vale de Almeida (2000) e Boaventura Sousa Santos (2001). Em texto recente, Margarida C. Ribeiro ensaia uma genealogia diferente, que remonta à década de 1990 e às reflexões de Eduardo Lourenço, assinalando também, como momento decisivo para a emergência da «questão pós-colonial portuguesa», as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses de 1998 e a historiografia impulsionada por aquele ciclo comemorativo (Ribeiro 2020: 128-131). No domínio dos estudos literários, cabe assinalar entre as primeiras articulações, o trabalho sobre literatura colonial portuguesa de Francisco Noa (2002), investigador moçambicano que se doutorou pela Universidade Nova de Lisboa.

aqui proposta, tais articulações traduzem «decliNações» relevantes do paradigma nacional e do compromisso crítico com a Nação para a área de estudos em análise. De facto, a palavra «decliNação» aponta para múltiplos sentidos, já que procurarei abordar, nesta secção, a resiliência do paradigma nacional, alimentada pela «pluralização» das representações da Nação em perspetiva pós-colonial nas literaturas africanas, e na secção seguinte, o despontar de um princípio de recusa — ainda em curso — deste mesmo paradigma, e a consequente procura — ainda em curso — de outras perspetivas críticas e articulações teóricas para a abordagem destas literaturas.

Como é evidente, um entendimento alargado da teoria pós-colonial, tal como o de Young, levaria a um mapeamento muito amplo de reflexões críticas sobre as literaturas africanas, sendo que, como já assinalado, estes estudos partilham como traço constitutivo um engajamento de cunho oposicional e emancipatório face às epistemologias coloniais.⁸ No entanto, interessa aqui perspetivar o modo como o pós-colonial, entendido (ou não) como viragem paradigmática, se foi articulando ao arquivo crítico já acumulado, e de que forma impactou a consolidação dos estudos das literaturas africanas, pelo que são aqui assinaladas algumas das reflexões mais explícitas neste sentido. Entre as primeiras, destaca a de Fátima Mendonça (1995) formulada no quadro de uma abordagem à literatura moçambicana. No itinerário de reflexão aqui traçado, trata-se de um texto especialmente significativo por convocar, logo em abertura, o impacto potencial das teorias pós-coloniais no contexto do processo de singularização das literaturas africanas de língua portuguesa. De facto, Mendonça alude às críticas contundentes que, desde logo, foram movidas à abrangência da categoria de «pós-colonial». O alvo destas críticas foi o facto de, a partir desta categoria, se

⁸ De acordo com este entendimento alargado da teoria pós-colonial, Paulo de Medeiros assinalava, na introdução à coletânea de artigos *Post-colonial Theory and Lusophone Literatures*, um conjunto de publicações reveladoras da relação original que os Portuguese Studies — incluindo os estudos das literaturas africanas — iam estabelecendo com esta teoria (Medeiros, 2007: 1-7).

pretender abordar, num quadro teórico unificado, contextos geográficos, políticos e culturais os mais diversos, cujo elemento comum seria a experiência da dominação colonial, o que levou a um questionamento das potenciais cumplicidades entre a abrangência do pós-colonial e a postura homogeneizadora própria da epistemologia colonial ocidental. Na perspectiva de Mendonça, alicerçada nestas críticas, a irrupção da categoria de pós-colonial, tal como tinha sido formulada no domínio dos estudos literários,⁹ colocava em causa o processo de singularização acima descrito, propondo um regresso ao «agrupamento» em função da experiência colonial: «No caso das literaturas africanas, recuperar-se-ia o conceito de literaturas africanas de expressão inglesa, francesa ou portuguesa, e adiar-se-ia uma vez mais o reconhecimento da sua autonomia» (Mendonça 1995: 38). Assim, o texto de Mendonça permite equacionar, na perspectiva diacrônica convocada neste artigo, a relevância da singularização nacional ainda em meados da década de 1990. No artigo, esta relevância explicita-se no diálogo, ainda que implícito,¹⁰ com ferramentas críticas que contribuíram de forma significativa para este processo, nomeadamente, o modelo de análise do sistema literário nacional formulado por Antônio Cândido no domínio dos estudos de literatura brasileira. O apelo de Cândido para o «tratamento peculiar» a ser reservado a cada literatura, «em virtude dos seus problemas especí-

⁹ A autora aludia à definição de literaturas pós-coloniais formulada por Ashcroft, Griffith e Tiffin: «the literatures of African countries, Australia, Bangladesh, Canada, Caribbean countries, India, Malasia, Malta, New Zealand, Pakistan, Singapore, South Pacific Island countries, and Sri Lanka are all postcolonial literatures. The literature of the USA should also be placed in this category [...] What each of these literatures has in common beyond their special and distinctive regional characteristics is that they emerged in their present form out of the experience of colonization and asserted themselves by foregrounding the tension with the imperial power, and by emphasizing their differences from the assumptions of the imperial centre. It is this which makes them distinctively post-colonial» (Ashcroft et al. 1989: 2).

¹⁰ Além do raciocínio geral, algumas expressões específicas utilizadas por Mendonça ecoam o pensamento de Cândido: «sistema histórico-literário»; «configuração sistémica do corpus literário»; «manifestações literárias», entre outras.

ficos ou da relação que mantém com outras» (Cândido 2000: 9), bem como o modelo de análise da «formação» da literatura e do «sistema» literário nacional foram objeto de receção e apropriação nos estudos de literaturas africanas de língua portuguesa, configurando-se como suportes teóricos relevantes para a «decliNação» do paradigma nacional.¹¹ De facto, ao abordar algumas apropriações do conceito de Cândido, Anita Moraes aponta para a relação entre o conceito de sistema literário nacional e as especificidades das literaturas surgidas em contextos coloniais (Moraes 2010: 72). A distinção operada por Cândido, entre a noção de sistema enquanto série «de obras ligadas por denominadores comuns», intimamente conectadas pela construção da consciência nacional, e aquela de um «triângulo autor-obra-público» é funcional, na releitura proposta por Moraes, para se identificarem dois distintos eixos de análise que têm vindo a caracterizar as apropriações do conceito: um eixo constituído pelos «elementos internos», isto é, «língua, temas e imagens partilhados» e um eixo formado pelos «elementos externos», leia-se, os produtores, os recetores, o mecanismo transmissor e a continuidade literária (Cândido 2000: 23; Moraes 2010: 66). A análise de Moraes permite identificar, no texto de Mendonça, a preocupação com ambas as vertentes para uma «configuração sistémica» (Mendonça 1995: 38) da literatura moçambicana, privilegiando-se, porém, no desenvolvimento do artigo, o eixo de análise dos elementos internos para a caracterização das estratégias textuais «disjuntivas» do corpus literário moçambicano em relação ao corpus literário português (Mendonça 1995: 41). Assim, a reflexão proposta pelo artigo de Mendonça destaca por constituir um compromisso ainda marcante com a emergência da nacionalidade literária nas literaturas africanas, explicitado pela articulação da perspectiva pós-colonial via conceito de sistema literário nacional.

Perplexidades e preocupações semelhantes, em relação à abrangência da categoria de pós-colonial e ao processo de singularização das li-

¹¹ Para além dos ensaios abordados por Moraes, nomeadamente, Chaves (1999) e Abdala jr. (1989), veja-se, por exemplo, o recurso ao conceito de Cândido em Leite (2008) para a periodização da literatura moçambicana.

teraturas africanas foram expressas também por A.M. Leite num ensaio que pretendia abrir de forma explícita e programática a articulação desta área com a teoria pós-colonial: «Numa fase em que as cinco literaturas, aglutinadas curricularmente sob a égide de um título, ainda teimosamente imperial, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, começam a ser criticamente enquadradas nos seus registos nacionais diferenciais, alguma reticência provoca outra designação abrangente» (Leite 2003b: 14). Por outro lado, Leite procurou articular as formulações da teoria pós-colonial e alguns tópicos de pesquisa já em via de consolidação nos estudos das literaturas africanas, tais como a imploração das oposições binárias tradição/modernidade, oralidade/escrita, ou ainda as estratégias de apropriação e abrogação dos cânones metropolitanos — linguísticos, literários, culturais, realçando, deste modo, uma vocação implícita da área para as problematizações correntes nos estudos pós-coloniais.

No entanto, já anteriormente as contribuições de Russell Hamilton (1999) e Inocência Mata (2000), embora alertando para as especificidades e diferenças históricas, políticas e culturais da (pós)colonialidade dos países africanos de língua portuguesa, apontaram para um conjunto de tópicos e pontos de convergência que haveriam de marcar a abertura de linhas de pesquisa relevantes para uma viragem pós-colonial da área. Em particular, no artigo de Hamilton, cabe destacar a releitura das reflexões seminais de Kwame Anthony Appiah (1997 [1992]) sobre o(s) sentido(s) do pós- em «pós-colonial» — entendido enquanto significante de um gesto de abertura de novos espaços estéticos e contestatórios — e a noção de «pós-otimismo», subjacente à desconstrução e deslegitimação de narrativas dominante — imperiais, coloniais, nacionais. Na esteira desta releitura, Hamilton debruça-se sobre as ficções africanas lusófonas identificando tendências comuns no que diz respeito à re-mitificação da história antiga e recente para questionar tanto «as estruturas e instituições herdadas do colonialismo» quanto «os regimes instalados depois da independência política» (Hamilton 1999: 18-19). Nesta mesma linha inscreve-se a intervenção de Mata no debate em curso sobre a teoria pós-colonial, retomando as reflexões de Appiah — que,

de facto, surgem como uma fonte privilegiada para a receção da teoria pós-colonial nos estudos de literaturas africanas de língua portuguesa¹² — para identificar «configurações temáticas da pós-colonialidade» em obras dos sistemas literários dos Cinco, cujas motivações residem, para a autora, na «necessidade de repensar o país que não mais se encontra em fase de *nacionalização* ou na condição de emergência mas sim do agenciamento da sua emancipação» (Mata 2000). Assim, se por um lado a incorporação da perspectiva pós-colonial na abordagem das literaturas africanas de língua portuguesa parecia privilegiar a dimensão cronológica do «pós», surgindo num encadeamento temporal que não se afastava de uma teleologia marcada pelo *nacional* — correspondendo, a uma quarta fase em relação ao modelo em três tempos esboçado por Fanon — por outro lado a operacionalização desta perspectiva permitiu uma complexificação inédita da categoria de Nação — e da sua temporalidade narrativa — enquanto unidade de análise literária. Noutra contribuição, Mata exemplifica este aspeto apontando para «o jogo entre construção identitária nacional e seu questionamento quanto ao conteúdo e formas incluídas [...], e o jogo entre presentificação e ocultação do colonial, para que este, o colonial, não resulte relativizado pela retórica da idealização pós-colonial nem olhado de forma monolítica» (Mata 2006: 24).

Por um lado, a «resistência» à teoria pós-colonial, evidenciada por estes debates iniciais sobre a sua pertinência e adequação para a análise das literaturas africanas de língua portuguesa, remetia para uma resistência de cariz transversal a outras áreas disciplinares e geográficas, motivada pela «necessária atenção dada à significância do *locus* de produção da teoria, sempre alerta para continuidades da lógica colonial no campo epistemológico» (Santos 2013). Por outro lado, como procurei ilustrar, esta resistência enquadrava-se também nas «agendas» decorrentes do percurso e da dinâmica própria da área de estudos em questão, fortemente marcada pelo compromisso com a emergência da na-

¹² Veja-se também, a este propósito, Padilha (2002). De salientar, também, que o livro de Appiah saiu em tradução para português no Brasil em 1997.

cionalidade literária, declinado através de enquadramentos e suportes teóricos diversos (Fanon, Pinto de Andrade, Cândido, entre outros). No entanto, estes debates tiveram um impacto relevante na viragem pós-colonial da área, tal como ela se deu a partir da década de 2000 até ao presente, com a abertura de novos espaços críticos, para retomarmos a interpretação do pós-colonial de Appiah. Pese embora uma receção que permanece fragmentária, em comparação com outros contextos e áreas disciplinares, e pese embora as «contiguidades ambíguas entre Estudos Pós-coloniais e literaturas africanas» (Brugioni 2012), declinadas em articulação e, por vezes, cumplicidade, com o discurso pós-imperial da Lusofonia (Falconi 2012), as perspetivas veiculadas pela teoria pós-colonial têm vindo a renovar a «decliNação» do paradigma nacional na abordagem destas literaturas. Em particular, cabe assinalar a emergência e a consolidação, ao longo das últimas duas décadas, de uma linha de investigação que, ao dialogar de forma mais sistemática com as «formulações pós-coloniais», tem vindo a focar, nas produções literárias africanas, as representações da Nação e da cultura nacional enquanto realidades estratificadas e múltiplas que «se dão» em locais não unitários e em tempos não homogêneos (Bhabha 1997), daí o enfoque nas temporalidades não simultâneas destas representações, bem como nos mapeamentos de outras localizações — regionais, urbanas, transnacionais, diaspóricas, etc. — que são significativas para a construção das identidades culturais nas nações pós-coloniais (Leite et al. 2012; 2019).¹³

Em jeito de conclusão desta breve resenha das declinações pós-coloniais, cabe realçar que, por um lado, o «compromisso» com a Nação pós-colonial se pluraliza, incorporando e «declinando» histórias, geo-

¹³ Cabe assinalar que, na esteira do aparato conceitual e metodológico proporcionado por Edward Said em *Orientalismo* e *Cultura e Imperialismo*, tem vindo a abrir-se também uma linha de investigação mais sistemática sobre os contrapontos entre Nação e Império, fundada na reavaliação do arquivo da colonialidade literária e das ficções do outro (Sousa 2014), o que vem renovando também a reflexão sobre a fluidez das fronteiras dos cânones literários — coloniais, nacionais, pós-coloniais.

grafias e identidades rasuradas pelas narrativas políticas dos Estados-nações, bem como procurando registar lacunas e fricções destas mesmas narrativas. A categoria de Nação, e os seus correlatos de identidade e literatura nacionais, são estilhaçadas e atravessadas por outras categorias de análise — raça, etnia, gênero, diáspora, transnacionalismo, etc. — que ganham relevo na medida em que assinalam outros compromissos das narrativas africanas pós-coloniais. Deste modo, o foco nacional reinventa-se e reafirma-se, pese embora as suas limitações intrínsecas, como paradigma de análise resiliente e privilegiado no processo teórico-crítico de «singularização pós-colonial».

DECLINAÇÕES COMPARATISTAS

Para se equacionarem as diferentes perspetivas que orientaram a evolução e consolidação dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa cabe dar novamente um passo atrás e assinalar que a opção por excluir, do conceito do Colóquio de 1984, as intervenções orientadas por perspetivas comparativas se fundava também na necessidade de se consolidar e diferenciar uma área tradicionalmente marginal e pouco explorada no domínio mais amplo dos estudos das literaturas do continente africano: «The first written, the last discovered» foi, de facto, a expressão utilizada por Gerald Moser para assinalar esta condição de marginalidade (Moser 1967).¹⁴ No entanto, as tentativas de inclusão das literaturas dos Cinco em sistematizações de cariz comparativo remontam à mesma década de 1980, com a coletânea de ensaios *European-language Writing in Sub-Saharan Africa* (Gérard 1986). Trata-se do VI volume da série *Comparative History of Literatures in European Languages*, promovida pela International Comparative Literature Association desde 1967. O volume fundava-se numa abordagem comparativa

¹⁴ Sediado nos Estados Unidos, Gerald Moser, seguido de Russell Hamilton, cumpriu um papel pioneiro na divulgação e sistematização das literaturas africanas de língua portuguesa, tanto antes quanto logo a seguir às independências.

de tipo tradicional, isto é, mantendo como unidade de referência o Estado-nação, e articulando esta unidade ao agrupamento por línguas — europeias — e à divisão padronizada das sub-regiões do continente africano — West Africa, Eastern Africa, Southern Africa — combinando-se, nos capítulos analíticos incluídos, categorias sociopolíticas e estético-formais. O volume incluía também uma secção intitulada «Comparative vistas» em que se ensaiou retomar e desenvolver uma abordagem translinguística das literaturas africanas já explorada por alguns estudiosos na década de 1960, constituindo um tipo de enfoque que, até recentemente, teve escassa aplicação nos estudos das literaturas em português.

Na introdução à secção, Gérard assinalou o crescente processo de diferenciação e fragmentação política, linguística, cultural e literária em curso, na altura, no seio do continente africano:

The hard reality of this waning century is that African writing in European languages is now parceled out into three large linguistic sets, each of which, in its turn, is further divided into a number of national sub-sets, with an intimation that regional (or tribal) sub-sub-sets—Yoruba and Igbo, Swahili, Luo and Kikuyu—may be in variously advanced stages of preparation. (Gérard 1986: 1015).

Ao explorar este processo, o crítico utilizou também uma expressão significativa e reveladora dos reflexos ideológicos e geopolíticos no domínio cultural e literário, a saber, «the literary partition of Africa» (Gérard 1986: 1015), ecoando a partilha territorial do continente levada a cabo pelas potências coloniais europeias na conferência de Berlim, isto é, a partilha que traçou as primeiras fronteiras que haveriam de ser herdadas, mais tarde, pelos processos políticos de construção dos Estados africanos independentes. No entanto, cabe salientar que na reflexão de Gérard, a partilha linguística e literária de África surgia como elemento circunstancial que havia necessariamente de se refletir nos estudos literários. Por outras palavras, o estudioso não questionou os efeitos desta partilha na utilização de paradigmas críticos e critérios de classificação

para a abordagem das literaturas africanas. Aliás, o critério das fronteiras linguísticas, definidor dos agrupamentos apresentados na publicação, foi definido, e defendido, claramente, como elemento estruturante e privilegiado: «The curse of Babel will always lie upon us all, and there is no doubt that the linguistic borderlines should remain the first parameters for any taxonomy of African literature» (Gérard 1986: 1014).

A condição de «marginalidade» das literaturas da África lusófona no quadro dos estudos comparados das literaturas africanas, já salientada por Moser na década de 1960, constitui uma circunstância ainda atual.¹⁵ De facto, ao se abordarem publicações posteriores que procuram perspetivar o panorama literário do continente africano, verifica-se que não houve grandes mudanças em relação às décadas abordadas. É o caso da influente antologia de cariz histórico-literário e teórico-crítico sobre literaturas africanas, editada em 2007 por Tejumola Olaniyan e Ato Quayson, cujo intuito foi o de reconstruir um quadro amplo das reflexões e dos debates que mais impacto tiveram na estruturação dos estudos literários africanos. Ao reunir ensaios de investigadores e escritores, esta publicação visou proporcionar um mapeamento de conceitos, géneros literários, perspetivas teóricas e paradigmas críticos — nativismo, marxismo, feminismo, pós-modernismo, pós-colonialismo, ecocrítica e teoria queer. Apesar da amplitude dos aspetos incluídos — por um total de 97 capítulos — cabe salientar que, no que diz respeito à África lusófona, foram incluídos um capítulo geral de autoria de Russell Hamilton, e dois textos de, respetivamente, Amílcar Cabral e Agostinho Neto, o que aponta para uma integração ainda escassa das literatu-

¹⁵ Cabe realçar que a expressão «Lusophone África» passou a ser utilizada em contextos académicos de língua inglesa «no final da década de 1980 para lembrar ao mundo que havia outras experiências e legados do colonialismo além dos referentes aos impérios britânico e francês, ancorados em territórios geográficos diferenciados e com manifestações qualitativamente diferentes das visões aparentemente hegemónicas anglófonas e francófonas de África» (Ribeiro e Rothwell 2020: 12).

ras africanas em português e da crítica académica a elas relacionadas no quadro internacional dos estudos das literaturas do continente.¹⁶

Verifica-se uma situação análoga se olharmos para os estudos das literaturas do continente em sentido inverso, isto é, tendo em conta a receção crítica e a abordagem comparativa de autores não lusófonos na área das literaturas africanas de língua portuguesa, configurando-se o que Brugioni define como «excesso de receção» dos autores africanos lusófonos, que se dá em função do antigo laço imperial atualizado pela partilha da língua (Brugioni 2012). Assim, um conjunto de investigadores, entre os quais destacam os de uma geração mais recente, tem vindo a apostar numa renovada «decliNação» comparatista que visa problematizar tanto o estudo estritamente «nacional» dos *corpora* destas literaturas, convocando a dimensão comparada para «declinar», isto é, recusar a Nação como unidade de análise fechada e única, quanto as fronteiras linguísticas herdadas pelos estudos das literaturas africanas contemporâneas — lusofonia, francofonia, anglofonia, etc. Além de contribuições pontuais,¹⁷ um exemplo desta tendência foi a publicação do número 26 da revista *E-cadernos CES*, no qual, a partir da proposta de se «Ler na fronteira», as análises procuraram «evidenciar que a produção literária, independentemente dos contextos, também tem significado a partir de outros lugares, articula-se com outros contextos numa geografia literária menos habitual» (Schurmans 2016: 5). O número incluiu comparações translinguísticas fundadas no diálogo entre diversos contextos do «Sul global», no intuito de realçar conexões que ficariam ocultadas por análises baseadas em interpretações exclusivamente nacionais ou locais.

Numa linha análoga de abertura comparativa, transnacional e translinguística, que procura equacionar diálogos com outros espaços do Sul

¹⁶ No que diz respeito à presença das literaturas africanas de língua portuguesa no âmbito das publicações em língua inglesa que procuram perspetivar o panorama das literaturas do continente, veja-se *The Cambridge Companion to the African Novel* (Irele 2009), em que se incluem análises comparativas de romances de Pepetela e Mia Couto.

¹⁷ Um exemplo significativo é o estudo de Fátima Mendonça (2009).

global, se inscreve também a recente produção crítica que tem vindo a sistematizar o enquadramento da literatura produzida em Moçambique no campo transdisciplinar dos *Indian Ocean Studies*.¹⁸ Assumindo o Oceano Índico como geografia transnacional do imaginário (Gosh e Muecke 2007), esta produção funda-se numa abertura para um paradigma de análise cujo objetivo é estabelecer novas cartografias literárias e culturais baseadas em relações e contrapontos «afro-asiáticos», isto é, entre os diversos territórios antigamente colonizados por Portugal no Oceano Índico, a saber: Moçambique, Goa e Timor-Leste. Incluindo também escritas literárias em inglês produzidas em Goa, esta abertura de cariz translinguístico visa salientar imaginários partilhados, interações e trânsitos culturais num oceano que permanece ainda hoje pouco explorado em comparação com o Atlântico, aprofundando-se representações literárias que apontam para «decliNações» litorâneas, aquáticas, insulares, etc. dos territórios em foco (Falconi 2019; Leite et al. 2018).

Se por um lado as várias decliNações que investem nos laços e nas comparações dentro do quadro do Sul global, em linha com as ruturas epistemológicas trazidas pela implosão «pós-colonial» do comparativismo de cunho eurocêntrico, vão cada vez mais apostando no atravessamento das fronteiras linguísticas, por outro lado cabe reconhecer que a abordagem comparativa entre literaturas de língua portuguesa veio a afirmar-se como um paradigma crítico e metodológico consolidado e produtivo para a análise de velhos e novos compromissos das escritas literárias africanas. Trata-se de um paradigma que tem encontrado uma ampla adesão em vários contextos académicos onde as literaturas africanas são objeto de estudo e investigação, tendo a sua expressão mais sistematiza-

¹⁸ Na esteira do trabalho de Fernand Braudel e da escola francesa dos *Annales* sobre o Mediterrâneo, os estudos historiográficos sobre o Oceano Índico surgiram a partir da década de 1980, ganhando afirmação institucional em diversos contextos académicos ao longo da década de 1990. Desenvolvendo a definição do Oceano Índico como «arena inter-regional de interação cultural e económica» (Bose 2006) também os estudos literários e culturais, maioritariamente anglófonos e francófonos, assumiram este oceano como uma área específica de estudos.

da — inclusive curricularmente — nas universidades brasileiras e portuguesas. Em particular, no que se refere ao Brasil, cabe de facto lembrar que uma abordagem mais autónoma das literaturas africanas, isto é, desvinculada dos estudos de literatura portuguesa, se foi construindo nas articulações teóricas e disciplinares dos Estudos Africanos e dos Estudos de Literatura Comparada, instituindo-se um espaço crítico marcado por múltiplas fronteiras e trajetórias, o que Laura Padilha definiu como «um entrelugar onde diferentes correlações de força começavam a articular-se» (Padilha 2002: 331). Neste paradigma, o laço linguístico, herdado pela história da colonização e do colonialismo, tem funcionado como ferramenta de construção do que Abdala Jr definiu de «comparatismo da solidariedade», alargando-se também a outras áreas geoculturais, tais como a área «ibero-afro-americana» (Abdala Jr 2003: 127).¹⁹

Mais recentemente, Mata tem assumido uma perspectiva semelhante, articulando-a aos debates em torno da categoria de literatura-mundo, defendendo uma abordagem das literaturas africanas nas suas relações dialógicas com as outras literaturas de língua portuguesa no quadro de um «sistema de vasos comunicantes», de modo a «reverter a dimensão insular que marcou de forma «nacionalística» o estudo destas literaturas» (Mata 2013: 115).

OUTRAS DECLINAÇÕES

Os artigos reunidos neste número monográfico, de autoria daquela que se vai configurando como uma nova geração de investigadoras das lite-

¹⁹ Não cabendo nos propósitos deste artigo traçar a história da implantação e evolução dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa nas universidades brasileiras, é importante, no entanto, assinalar o seu papel na consolidação da dimensão internacional da área. Algumas das figuras referidas ao longo do artigo (Abdala Jr; Mourão; mais tarde Padilha) foram pioneiras e/ou fundamentais. Contextualizações específicas e circunstanciadas estão dispersas em vários artigos de académicos brasileiros, como o já citado Padilha (2010) e Lima (2018).

raturas africanas de língua portuguesa, permitem interrogar um conjunto de questões relevantes, apontando para novas direções e inquietações desta área de estudos. Por um lado, cabe salientar que se trata de artigos que, no seu conjunto, mapeiam autores e textos menos conhecidos e nem sempre incluídos no cânone internacional da África lusófona — Aito Bonfim (São Tomé) e Deolinda Rodrigues (Angola) — ou cuja receção crítica, sobretudo fora dos espaços de língua portuguesa, se encontra em fase de consolidação — João Paulo Borges Coelho (Moçambique).²⁰

Por outro lado, as abordagens apresentadas recorrem a aparatos críticos, perspectivas teóricas e paradigmas de análise que dão conta da articulação entre o nacional e outros vetores culturais e/ou identitários — gênero; identidades étnicas e regionais; imaginários transnacionais. Assim, os artigos reunidos esboçam um mapeamento possível, ainda que parcial e provisório, de outras declinações da abordagem crítica, mas também dos «compromissos» — políticos, éticos, sociais — que as escritas africanas assumem.

Emblemático do processo de «singularização pós-colonial» o artigo de Doris Wieser que abre o dossiê articula uma ferramenta analítica de cunho estruturalista — os espaços semânticos teorizados por Lotman — a outros recursos teóricos oriundos da teoria pós-colonial, ilustrando o modo como a representação do espaço no romance de estreia do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho — *As Duas Sombras do Rio* (2003) — problematiza a homogeneização cultural imposta pelo processo de construção da Nação à heterogeneidade cultural de Moçambique. Na análise de Wieser, a visualização gráfica de espaços e sub-espaços semânticos que surgem no romance, marcados pelo conflito civil, aponta para a multiplicidade de fronteiras — internas, externas,

²⁰ Em comparação com outros autores de língua portuguesa, como Mia Couto, Paulina Chiziane (Moçambique), José Eduardo Agualusa, Pepetela (Angola), a afirmação da obra de João Paulo Borges Coelho em contextos académicos não lusófonos é, de facto, recente, devido também à escassez de traduções deste autor (Brugioni et al. 2020).

geográficas, culturais — que foram pautando o complexo percurso de uma «imaginação» nacional realmente partilhada, configurando-se o «terceiro espaço» teorizado por Bhabha já não como dimensão potencialmente produtiva e positiva de negociação identitária mas como impasse.

Privilegiando a perspectiva de «um comparativismo interno ao continente» (Brugioni 2016) o artigo de Marta Banasiak incluído neste dossiê, procura iluminar conexões entre Moçambique e África do Sul através de uma abordagem comparada das escritas literárias de J.M. Coetzee e João Paulo Borges Coelho, constituindo um exemplo de uma tendência crítica promissora de novas cartografias das literaturas africanas de língua portuguesa.

Utilizando outros recursos teóricos e analíticos, o artigo de Giulia Spinuzza ilumina outras formas de «declinar» o Moçambique pós-colonial e problematizar as fronteiras» identitárias e culturais do discurso oficial do Estado-nação. Explorando a poética aquática de Eduardo White e aprofundando assim um caminho aberto por trabalhos anteriores, a análise de Spinuzza equaciona a relação imaginária, cultural e histórica que marca a pertença de Moçambique à «arena inter-regional» e aos «cem horizontes do Oceano Índico» (Bose 2006), inscrevendo-se num paradigma crítico em via de consolidação nos estudos das literaturas em língua portuguesa.

Por seu turno, Kamila Krakowska proporciona uma análise comparativa de duas obras de autores de países de língua portuguesa — Aito Bonfim (São Tomé) e Pedro Rosa Mendes (Portugal) — iluminando o compromisso crescente das escritas africanas com as questões do desenvolvimento, do ambiente e do extrativismo. Recorrendo ao aparato crítico da ecocrítica pós-colonial (Huggan e Tiffin 2010), Krakowska explora a representação das relações de poder assimétricas, dos conflitos e das injustiças estruturais que marcam a «decliNação» destas questões no Sul Global, mostrando o modo como a narrativa contribui para repensar as tensões entre o local e o global, o passado e o presente, rumo à imaginação do futuro.

Fecha o dossiê o artigo de Noemi Alfieri sobre o *Diário* de Deolinda Rodrigues, documento extraordinário para se repensarem as lacunas e

as contradições do discurso político e cultural da construção da Nação em Angola a partir de uma perspectiva de gênero, o que inscreve esta análise numa tradição crítica de grande relevância para as literaturas africanas de língua portuguesa, como demonstrou entre outros, o estudo seminal de Hilary Owen (2007).

A categoria de Nação e a perspectiva de análise que nela se funda para a abordagem das literaturas africanas é atualmente declinada nas suas pluralidades incontornáveis; «recusada» enquanto narrativa hegemônica e cada vez mais cruzada por, e articulada a, outros eixos, deixando emergir outras cartografias e outros mapas críticos, para além da Nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA JR., Benjamin [et al.] (1985). *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A La Recherche de l'identité Individuelle et Nationale*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ABDALA JR., Benjamin (1989). *Literatura, história e política*. São Paulo: Ática.
- ABDALA JR., Benjamin (2003). «Globalização e identidade: a bacia cultural ibero-afro-americana em perspectiva». Rita Chaves; Tânia Macedo (org.). *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte & Ciência, 127-146.
- AHMAD, Aijaz (1992). *In Theory: Classes, Nations, Literatures*. London: Verso.
- ALMEIDA, Miguel Vale de (2000). *Um Mar da Cor da Terra*. Oeiras: Celta.
- ANDRADE, Mário Pinto de (2011). «Prefácio à Antologia Temática de Poesia Africana». Manuela Ribeiro Sanches (org.). *Malhas que os impérios tecem: Textos anti-coloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 185-196.
- APPIAH, Anthony K. (1992). *In my father's house: Africa in the philosophy of culture*. Oxford: Oxford University Press.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITH, Gareth; TIFFIN, Hellen (1989). *The Empire Writes Back*. London; New York: Routledge.
- BASTO, Maria-Benedita (2006). *A guerra das escritas: literatura, nação e teoria pós-colonial em Moçambique*. Lisboa: Vendaval.
- BASTO, Maria-Benedita (2008). «Relendo a literatura moçambicana dos anos 80». M. Calafate Ribeiro; M. Paula Meneses (org.). *Moçambique das palavras escritas*. Porto: Afrontamento, 77-110.

- BHABHA, Homi (1997). *Nazione e narrazione*. Roma: Meltemi.
- BOSE, Sugata (2006). *A Hundred Horizons: the Indian Ocean in the Age of Global Empire*. Cambridge (Massachusetts): Harvard UP.
- BRUGIONI, Elena (2012). «Contiguidades ambíguas: Crítica pós-colonial e literaturas africanas». Ana Mafalda Leite; Rita Chaves; Livia Apa; Hilary Owen (org.). *Nação e narrativa pós-colonial I – Angola e Moçambique: Ensaios*. Lisboa: Colibri, 379-394.
- BRUGIONI, Elena (2016). «Literaturas africanas comparadas e Oceano Índico: Contrapontos críticos para uma reflexão em torno do romance histórico no Índico africano». *e-cadernos CES* 26, 30-51 [em linha] [15-9-2020]. <<https://journals.openedition.org/eces/2102>>.
- BRUGIONI, Elena (2017). «Restos e dobras: Permanência e(m) crise da crítica (na) pós-colonial(idade)», *Mulemba* 9-16, 32-43 [em linha] [15-9-2020]. <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/7760>>.
- BRUGIONI, Elena; GROSSEGUESSE, Orlando; MEDEIROS, Paulo (ed.) (2020). *A Companion to João Paulo Borges Coelho: Rewriting the (Post) Colonial Remains*. Oxford: Peter Lang.
- CÂNDIDO, Antônio (2000). *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- CHABAL, Patrick (1994). *Vozes Moçambicanas: Literatura e Nacionalidade*. Lisboa: Vega.
- CHAVES, Rita (1999). *A formação do romance angolano*. São Paulo: FBLB.
- FALCONI, Jessica (2012). «Literaturas africanas, língua portuguesa e as narrativas da lusofonia». Ana Mafalda Leite; Rita Chaves; Livia Apa; Hilary Owen (org.). *Nação e narrativa pós-colonial I – Angola e Moçambique: Ensaios*. Lisboa: Colibri, 277-289.
- FALCONI, Jessica (2013). «Ler o Sul: Os estudos de literaturas africanas em Portugal na década de 80», *Configurações*, 12 [em linha] [15-9-2020] <<https://journals.openedition.org/configuracoes/2088>>.
- FALCONI, Jessica (2019). «The Lusophone Space and the Indian Ocean: Towards New Cultural Cartographies». Mark Gant (ed.). *Revisiting Centres and Peripheries in Iberian Studies*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 397-409.
- FANON, Franz ([1961] 1968). *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FERREIRA, Manuel (1989). *O Discurso no Percurso Africano*. Lisboa: Plátano.

- GÉRARD, Albert S. (ed.) (1986). *European-language Writing in Sub-Saharan Africa*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins.
- HAMILTON, Russell (1999). «A literatura dos Palop e a teoria pós-colonial». *Via Atlântica*, 3, 12-22.
- KANDJIMBO, Luís (2015). «A Disciplinarização da literatura angolana: histórias, cânones, discursos legitimadores e estatuto disciplinar». *Revista de Estudos Literários*, 5, 49-103.
- IRELE, Abiola (2009). *The Cambridge Companion to the African Novel*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LARANJEIRA, José Pires; XAVIER, Lola Geraldese; SIMÕES, M. João (2007). *Cinco Povos, Cinco Nações*. Lisboa: Novo Imbondeiro.
- LARANJEIRA, José Pires (1989). «Questões da formação das literaturas africanas de língua portuguesa». *Colóquio-Letras*, 110/11, 66-73.
- LARANJEIRA, José Pires (1995). «Bibliografia Crítica Essencial». *Discursos: Estudos de Língua e Cultura Portuguesa*, 9, 115-134.
- LEITE, Ana Mafalda; FALCONI, Jessica; BRUGIONI, Elena (2018). «Espaços transnacionais: Narrativas do Oceano Índico». *Remate de Males*, 38-1 [em linha] [15-5-2020] <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/issue/view/1517>>.
- LEITE, Ana Mafalda; SAPEGA, Ellen; OWEN, Hilary; SECCO, Carmen T. (2019). *Nação e Narrativa Pós-colonial III. Literatura e Cinema*. Lisboa: Colibri.
- LEITE, Ana Mafalda; CHAVES, Rita; APA, Livia; OWEN, Hilary (2012). *Nação e narrativa pós-colonial I – Angola e Moçambique: Ensaios*. Lisboa: Colibri.
- LEITE, A. Mafalda (2003a). «Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa: Uma História em curso». *Portuguese Literary and Cultural Studies*, 8, 533-547.
- LEITE, Ana Mafalda (2003b). *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*. Lisboa: Colibri.
- LEITE, A. Mafalda (2008). «Tópicos para uma História da literatura Moçambicana». Margarida C. Ribeiro; M. Paula Meneses (org.). *Moçambique das Palavras Escritas*. Porto: Afrontamento, 47-76.
- LIMA, Norma S. R. (2018). «Itinerário do ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil». *Caderno Seminal Digital*, 29, 11-31 [em linha] [15-9-2020]. <<http://dx.doi.org/10.12957/cadsem.2018.30997>>.
- MARGARIDO, Alfredo (1985). «Les difficultés des histoires des littératures des pays africains de langue portugaise». Benjamin Abdala Jr. [et al.] *Les Lit-*

- teratures Africaines de Langue Portugaise: A La Recherche de l'identité Individuelle et Nationale*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MATA, Inocência (2000). «O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa». *Congresso Internacional ALAAD* [em linha] [15-9-2020]. <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/mata.rtf>>.
- MATA, Inocência (2006). «As literaturas africanas e a teorias pós-colonial: um modismo ou uma exigência?». *O marrare*, 8, 20-34 [em linha] [15-9-2020]. <<http://www.omarrare.uerj.br/numero8/inocencia.htm>>.
- MATA, Inocência (2013). «Literatura-mundo em português: encruzilhadas em África». 1616: *Anuario de Literatura Comparada*, 3, 107-122.
- MCCLINTOCK, Anne (1992). «The Angel of Progress: Pitfalls of the Term Post-colonialism». *Social Text*, 31/32, 84-98.
- MEDEIROS, Paulo (2007). *Postcolonial Theory and Lusophone Literatures*. Utrecht: Portuguese Studies Center.
- MELLINO, Miguel (2005). *La critica postcoloniale*. Roma: Meltemi.
- MENDONÇA, Fátima (1995). «A literatura moçambicana em questão». *Discursos*, 9, 37-51.
- MENDONÇA, Fátima (2009). «Hibridismo ou estratégias narrativas? Modelos de herói na ficção narrativa de Ngugi wa Thiongo, Alex La Guma e João Paulo Borges Coelho». *Via Atlântica*, 16, 143-50 [em linha] [15-9-2020] <<https://doi.org/10.11606/va.voi16.50469>>.
- MORAES, Anita R. (2010). «Notas sobre o conceito de “sistema literário” de Antônio Candido nos estudos de literaturas africanas de língua portuguesa». *Itinerários*, 30, 65-84.
- MOSER, Gerald (1967). «African Literature in Portuguese; The First Written, The Last Discovered». *African Forum*, 2-4, 78-96.
- MOURÃO, Fernando (1985). «O problema da autonomia e da denominação da literatura angolana». Benjamin Abdala Jr. [et al.] *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A La Recherche de l'identité Individuelle et Nationale*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 121-131.
- NEWELL, Stephanie (2006). *West African Literatures: ways of reading*. Oxford: Oxford University Press.
- NOA, Francisco (2002). *Império, Mito e Miopia*. Lisboa: Caminho.
- OWEN, Hilary (2007). *Mother Africa, Father Marx: women's writings of Mozambique 1948-2002*. Lewisburg: Bucknell University Press.

- PADILHA, Laura (2002). *Novos pactos, outras ficções*. Lisboa: Novo Imbondeiro.
- PADILHA, Laura (2010). «O Ensino e a Crítica das Literaturas Africanas no Brasil: um caso de neocolonialidade e enfrentamento». *Revista Magistro*, 1-1, 2-15.
- RIBEIRO, Margarida C. (2020). «Viagens no contemporâneo – pós-colonialismo, cosmopolitismo e programação». *Mulemba*, 12-22, 127-147 [em linha] [15-9-2020] <<https://revistas.ufjf.br/index.php/mulemba/article/view/39821>>.
- RIBEIRO, Margarida C.; ROTHWELL, Philip (org.) (2020). *Heranças Pós-coloniais nas Literaturas de Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- ROSÁRIO, Lourenço do (2007). *Singularidades II*. Maputo: Texto.
- ROSELLO, Mireille (1998). *Declining the Stereotype: Ethnicity and Representation in French Cultures*. Hanover; London: University Press of New England.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2001). «Between Prospero and Caliban: Colonialism, Postcolonialism, and Inter-Identity». *Luso-Brazilian Review*, 39-2, 9-43.
- SANTOS, Emanuelle (2013). «O pós-colonial entre Norte e Sul: formulações teóricas, implicações políticas na batalha pela “arma da teoria”». *Configurações*, 12, 141-153 [em linha] [15-9-2020] <<https://journals.openedition.org/configuracoes/2077>>.
- SCHURMANS, Fabrice (2016). «Introdução». *e-cadernos CES*, 26, 5-29 [em linha] [15-9-2020] <<http://journals.openedition.org/eces/2100>>.
- SHOHAT, Ella (1992). «Notes on the Post-colonial». *Social Text*, 31/32, 99-113.
- SOUSA RIBEIRO, António (2012). «Vítima do próprio sucesso? Lugares Comuns do Pós-colonial». Elena Brugioni; Joana Passos; M. Manuelle Silva; Andreia Sarabando (org.). *Itinerâncias: Percursos e Representações da Pós-colonialidade*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 39-47.
- YOUNG, Robert (2021). «Postcolonial Remains». *New Literary History*, 43-1, 19-42.